



Surgimento e texto do galego-português

Você vai identificar as fases da língua portuguesa, com ênfase na consolidação do galego-português, analisando suas características fonológicas, morfológicas, sintáticas e lexicais, além dos fatores históricos que impulsionaram essas mudanças linguísticas.

Propósito

Compreender as fases da língua portuguesa e a consolidação do galego-português é fundamental para profissionais da Educação e da Linguística, pois permite analisar as transformações linguísticas em seus diversos níveis. Esse conhecimento contribui para uma visão crítica da língua como um fenômeno histórico, dinâmico e em constante evolução.

Objetivos

- Identificar as fases da língua portuguesa e as condições linguísticas e históricas do galego-português.
- Reconhecer os fatores históricos e as mudanças linguísticas que caracterizam a consolidação do galego-português ou português arcaico.
- Reconhecer as mudanças linguísticas que caracterizam a consolidação do galego-português ou português arcaico.

Introdução

Estudar a história da língua portuguesa é compreender um processo complexo e contínuo de transformações linguísticas que atravessam séculos. A identificação das fases do português permite observar como o idioma evoluiu desde suas origens no latim até a forma como é utilizado atualmente. Um dos momentos centrais desse percurso é o surgimento do galego-português, resultado das condições históricas e socioculturais da Península Ibérica na Idade Média.

O galego-português, como fase inicial do português, apresenta características linguísticas específicas em sua fonologia, morfologia, sintaxe e vocabulário. Essas marcas, por sua vez, refletem tanto influências internas — ligadas à dinâmica natural de transformação das línguas — quanto fatores externos, como mudanças políticas, sociais e culturais. A análise da história externa da língua revela como contextos históricos, como a formação dos reinos ibéricos e o isolamento geográfico, contribuíram para a diferenciação do português em relação a outras línguas românicas.

Durante essa etapa de consolidação, o português passou por importantes mudanças estruturais. No nível fonológico, por exemplo, houve alterações na pronúncia e no sistema sonoro da língua. Na morfologia, surgiram novas formas de flexão e composição de palavras. A sintaxe passou a apresentar construções próprias, enquanto o léxico se expandiu e se modificou, absorvendo termos de diferentes origens e adaptando-se às novas necessidades comunicativas.

Ao compreender essas transformações, é possível reconhecer o português arcaico como um estágio fundamental da nossa língua, marcado por inovações que definiriam sua identidade. Refletir sobre essas mudanças é essencial não apenas para entender o passado do idioma, mas também para valorizar sua riqueza e diversidade ao longo do tempo.

Do latim ao galego-português: transformações linguísticas essenciais

Na região da lusitânia, ocorrem:

- [kl] > [λ]: oculum > oclu > **olho**.
- [kt] > [yt]: nocte > noyte > **noite**.
- O galego-português que ignora a ditongação das vogais abertas operada pelo castelhano, como por exemplo petra > **pedra** (x pietra).
- Grupos iniciais pl-, fl- e cl- > ch [tʃ]: plenu > ch~eo (til em cima do “e”).
- Queda de -l- intervocálico: colore > color > coor em galego-português (> **cor**, posteriormente).
- Queda do -n- intervocálico: luna > l~ua, em galego-português (> **lua**, posteriormente) (til em cima do “u”).



Comentário

Além dessas ocorrências nos planos fonético e fonológico, observam-se também outras de natureza diversa.

Quanto à morfologia e à sintaxe, as transformações do latim ao galego-português são muito semelhantes às que ocorrem com as outras línguas latinas. As modificações são fortíssimas e extremamente profundas, o que torna o assunto muito complexo para ser retomado em brevíssimas palavras, mas como principais pontos, indicam-se:

Declinação nominal

A declinação nominal simplifica-se e acaba por desaparecer, sobrevivendo apenas duas formas – o acusativo singular e o plural.

Relações sintáticas

As relações sintáticas anteriormente expressas pelos casos passam a ser reconhecidas por uma ordem mais fixa na frase e pelo uso de preposições.

Os gêneros se reduzem a masculino e feminino, ocorrendo o desfazimento do neutro.

O sistema verbal sofre intensa reorganização e proliferam as formas perifrásticas.

Exemplo: o futuro simples amabo é substituído pela forma perifrástica amare habeo, que origina a forma atual amarei.

Inexistente no latim clássico, surge o artigo definido, advindo do pronome demonstrativo latino ille no acusativo: illum, illum, illos, illas originam lo, la, los, las e, mais tarde, o, a, os, as.

Quanto ao vocabulário, ele se forma principalmente pelas palavras latinas herdadas diretamente na continuação histórica das alterações sócio-político-econômicas e linguísticas.

A esse imenso repertório latino original, somam-se novas palavras, advindas por empréstimos às línguas dos povos que já estavam na Península Ibérica antes da chegada dos romanos, como barro, manteiga, veiga, sapo, esquerdo, etc. (cf. TEYSSIER, 2001).

Dois grupos contribuíram sobremaneira com o vocabulário latino: **os germânicos e os árabes**. Confira cada um deles a seguir.

Germânicos

Consoante Teyssier (2001), os primeiros trouxeram itens lexicais ligados, sobretudo, aos campos semânticos da guerra (guerra, guardar, trégua, roubar, espiar, etc.), da indumentária (fato, ataviar) e do trabalho no campo (estaca, espeto, ganso, marta, brotar, etc.).

Árabes

Os segundos deixaram suas marcas nos campos semânticos da agricultura (arroz, azeite, azeitona, açucena, alface, javali, etc.) e das profissões (alcaide, almoxarife, alfândega, alferes, etc.). Nesta herança, é notável a sobrevivência da preposição até, que vem de hatta, com o mesmo sentido com que a utilizamos.

Curiosamente, quase todas as palavras do português que começam com al- são de origem árabe e sofreram lusitanização, ocorrendo a aglutinação de al-, artigo árabe, ao substantivo, como ocorre com algodão, por exemplo.

Além do vocabulário latino popular (aquele grande conjunto latino herdado ao longo da história) e das palavras trazidas à língua por empréstimo, há também o vocabulário erudito, composto por palavras criadas, em todas as épocas, fundamentadas no conhecimento do latim e do grego, como automóvel, telefone, digitar, etc. e o ainda o semierudito, composto por palavras “resgatadas” em um estágio anterior a certas alterações, como ocorre, por exemplo, com plano, que veio de planu-. Na evolução natural, transformou-se em chão, mas foi resgatada como plano, em época posterior.

Assim, ficam como certas que essas modificações já prepararam o terreno para a estrutura que será o galego-português consolidado, inaugurando-se nessa ocasião uma nova fase linguística.

A despeito de várias propostas de classificação, a mais reconhecida é a que divide a história da língua em período arcaico, que vai até Camões, e moderno, que começa justamente com a publicação de “Os Lusíadas”.

É certo que o período arcaico começou antes do séc. XIII, mas como não há registros que atestem e comprovem esse novo uso, opta-se pela manutenção da escritura do famoso testamento de D. Afonso II. Por outro lado, também já é possível reconhecer muitas inovações desde a publicação da obra de Camões para os dias atuais.

No entanto, ainda não há marco proposto para a identidade de uma nova fase dessa história. Neste momento, faz-se necessário compreender e conhecer os processos fonético-fonológicos, também conhecidos como metaplasmos.

Faz-se importante reconhecer que tais processos sempre estão presentes em qualquer língua e em qualquer tempo.

Os quatro grandes grupos são alterações que se dão por aumento, supressão, transposição e transformação, a saber:

- Por aumento.
- Por supressão.
- Por transposição.
- Por transformação.

Sejam analisados os seguintes casos:

Metaplasmos

Significa transformação, constituindo, portanto, as mudanças fonético-fonológicas por quais passam várias palavras.

dolore ↗ dolor ↗ door ↗ dor

Apócope do e, seguida de síncope do l, e finalmente crase do o.

veritate ↗ veridade ↗ verdade

Sonorização de t para d, seguida da síncope do i.

oculu ↗ oculo ↗ oculo ↗ olho

Harmonização vocálica do o ou metafoia ou assimilação vocálica, seguida de síncope do u e, finalmente, palatização.

lupu ɫlupo ɫlopo ɫlobo

Dissimilação da vogal u para o ou metafonia, seguida de harmonização vocálica de u para o ou metafonia ou assimilação vocálica, sonorização de p para b.

voce ɫvoze ɫvoz

Sonorização de [s] para [z] e apócope do e.

acume ɫagume ɫgume

Sonorização de [k] para [g] e aférese do a.

ipse > epse > esse

Harmonização vocálica ou assimilação de i para e e assimilação total regressiva de p para [s].



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

A evolução do galego-português: aspectos históricos e linguísticos

Em 1200, Portugal já existia autonomamente, quando houve a separação dos reinos de Leão e de Castela, feita por D. Afonso II (também conhecido como Afonso Henriques), que mais tarde tomou-se rei. Nessa separação, Portugal e Galícia também se separaram e essa região ficou até anexada ao reino de Leão, atual Espanha.

Apesar dessa perda, Portugal conseguiu estender-se ao sul e, com a retomada de Faro, atingiu os limites que tem hoje. Assim o centro de importância política e cultural desloca-se do norte para o sul e cidades como Coimbra e Lisboa despontam no cenário português.

Assim também aconteceu com o padrão linguístico de prestígio, que deslocou-se do norte para o sul, mais novo, mais cosmopolita e, consequentemente, mais inovador do que o norte que guardava as antigas tradições.



Atenção

As fontes de estudo são duas naturezas - as literárias e as não literárias, que apresentam basicamente documentos oficiais. Assim, o texto considerado o primeiro escrito em galego-português é o testamento de D. Afonso II, com data provável de 1214.

Quanto à **grafia**, já aparecem:

- ch para o som [tʃ]: Sancho, chus (diferente já de x, ligada ao som [ʃ]);
- n palatal e l palatal ganham mais tarde a grafia nh e lh, respectivamente;
- o til (~) é usado para indicar a nasalização das vogais, não raro também representada pelas letras m e n.

Quanto à **fonética** e à **fonologia**:

Vogais tônicas e átonas

As vogais em posição tônica já são as mesmas que utilizamos hoje. Em posição átona final, a situação é diferente. Além de lel, lal e lol, inicialmente aparece também /i/, típico dos imperativos (vendi, parti) e das primeiras pessoas (pudi, cantasti). Mais adiante, em inícios do séc. XIV, essas formas já eram grafadas com -e final (pude, cantaste, etc.). Assim também aparecem grafias de -u em lugar de -o nos textos mais antigos. A hipótese mais aceitável para essa ocorrência é a da existência de um timbre bem fechado de [e] e de [o].

Vogais átonas e ditongos

Em posição átona não final, timbres de [e] e de [o] deixam de apresentar as oposições e variam livremente. Dessa forma, o quadro de estrutura com as vogais /i/, /e/, /a/, /o/, /u/. Os ditongos apresentam sempre [e] e [o] fechados. Os ditongos encontrados são os dos casos de primeiro, mais, coita, fruto, partiu, vendeu, cautivo, cousa. As consoantes são em quase todo o quadro as que usamos hoje. As exceções são as constritivas dentais-alveolares e palatais, em que havia franca oposição fonológica. Assim, cen (/ts/) opunha-se a sem (/s/) e cozer (/dz/) opunha-se a coser (/z/).

Vogais nasais e síncope

As vogais nasais assim se constituem por serem seguidas de uma consoante nasal (m ou n). A síncope, já iniciada no estágio anterior à consolidação do galego-português, citada na aula anterior, das consoantes g-, -d-, -l- e n- em posição intervocálica, desencadeia um grande número de encontros vocálicos com hiato, como se vê em mestre, seer, coor, teer, etc.

Quanto à **morfologia** e à **sintaxe**:

- O quadro dos demonstrativos era um pouco diferente do nosso atual, pois contava com a forma aqueste e aquel (e).
- O quadro dos advérbios de lugar apresentava as formas aqui, acá, acó, ali, alá e aló.
- As formas de estabelecer a anáfora mais comuns desse período são (h) i e ende-em.
- O tratamento se regulariza com o tu familiar e o vós cerimonioso.

Quanto ao **vocabulário**:

Empréstimos do francês e do provençal são muito constantes: dama, sage, Maison para o primeiro caso e assaz, freire, trobar, trobador etc., para o segundo.

Palavras eruditas e semieruditas, da herança greco-latina, estão constantemente sendo aplicadas e reaplicadas.

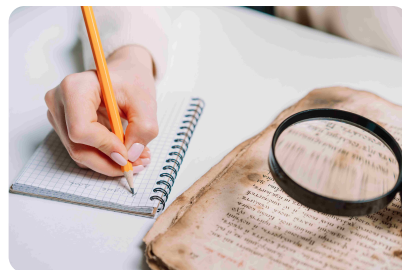
Entendendo bem as características agora já em fase de consolidação no galego-português, e antes de analisar os textos dessa fase, cabe compreender um pouco mais acerca da ortografia da nossa língua, um dos fatores de grande preocupação no mundo letrado e também um dos aspectos que apontam grande dificuldade para os alunos dos níveis fundamental e médio.

Inicialmente é muito importante entender os três períodos distintos da história da ortografia e o que eles representam.

Consoante Léllis (2001), do início do português arcaico até o século XVI, temos o conhecido **Período Fonético**. Essa fase assim se nomeia em razão da absoluta ausência de sistematização em torno do assunto, do escasso acesso ao texto escrito, da baixa quantidade de pessoas alfabetizadas, da imprensa rudimentar. Considerando-se esses fatos, temos de procurar entender como a situação de escrita se dava.

Pense em um tipo de escrivão que procedia ao estabelecimento dos textos por escrito em situações legais ou o próprio rei ou sacerdote tendo que fazê-lo. Essa era sempre uma cena solitária, em que se produzia texto escrito sozinho e para que ele servisse tão somente como um documento que muitas vezes nunca era lido por ninguém ou unicamente pelo próprio autor.

Em relação aos primeiros copistas, responsáveis pela reprodução dos textos, sobretudo os filosóficos e religiosos, o trabalho por eles desempenhado também era solitário. Desse modo, pelos aspectos já citados acima, dos quais ressalta-se a **falta de sistematização**, esses homens **tinham a impressão de que ouviam de um tal jeito** uma determinada palavra, e tinham a ideia de que ela se escrevia de um determinado modo e talvez ele próprio, no dia seguinte, tivesse uma ideia diferente.



E essas ideias diferenciavam-se muito de um copista para outro, já que as decisões ortográficas eram baseadas em impressões, o que faz com que esse período também pudesse ser chamado de impressionista. Por essa base da qual eles partiam ao decidir a grafia das palavras é que esse período é chamado de período fonético.

Nessa faixa de tempo, aparecem grafias como *bem*, *ben*, *b*; *homem*, *omen*, *ome*; *h~uu*, *h~u*, *~u* (**til deve ficar em cima do u**), em que verifica o que foi dito acima: a não uniformização da escrita. Ao lado dessas ocorrências, aparecem também, curiosamente, formas como *emssynava*, *contrayro*, *pãao*, *ffilho*.

A partir do século XVI, novos ventos começam a soprar e identifica-se então um novo período da história da ortografia. Os estudiosos começaram a se preocupar com a sistematização da grafia, ainda que hoje isso soe um pouco exagerado. Mas de fato foram escritos muitos compêndios tratando, até exclusivamente, desse assunto.



Atenção

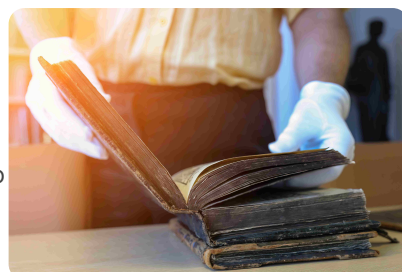
É importante citar os trabalhos quinhentistas de Fernão de Oliveira, Duarte Nunes do Lião, J. Barros, Pero M. de Gândavo, dentre outros.

Mas foi principalmente nos séculos XVI e XVII, sobretudo com o Renascimento, que os olhares se voltaram mais fortemente para os antigos textos e houve uma necessidade desse momento em se revestir de uma alta carga de erudição em todo o movimento cultural desse tempo. Assim é que, em uma busca descontrolada da parte dos intelectuais da época, surgiram as etimologias falsas ao lado das verdadeiras.

Passada essa fase de altíssima valorização das culturas da Antiguidade, e com o grande impulso dos estudos científicos, como, por exemplo, a publicação da teoria da evolução das espécies de C. Darwin, no final do século XIX, os estudiosos da língua assumem o compromisso de tratar a língua de forma também científica.

Nessa mesma época, como não poderia deixar de ser, a Filologia ganha novo fôlego em Portugal, graças ao empenho de Adolfo Coelho, Gonçalves Viana, Leite de Vasconcelos, J.J. Nunes, dentre outros, formalizado através de seus importantes trabalhos.

Por meio desse impulso, os estudiosos então firmaram o compromisso de tratar cientificamente a língua e isso se fazia por meio de sua história, portanto todos acabavam avançando nos estudos filológicos. E, diferentemente do período anterior, para o avanço intelectual desse campo, os filólogos iam às fontes disponíveis e estruturavam o caminho das palavras ao longo da história, depreendiam suas leis e divulgavam somente aquilo que se poderia confirmar e mostravam as hipóteses prováveis de alguns fenômenos.



Por esse contexto, esse período é conhecido como período **histórico-científico**. Assim, em Portugal, a simplificação ortográfica é estruturada pelos filólogos da época, o que quer dizer que foi feita respeitando a história das palavras e considerando o impacto de cada grafia.

Essa simplificação teve como produto final o Acordo Ortográfico de 1931, entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia de Ciências de Lisboa que, com pequenos ajustes, vigorou até 2009, quando um novo acordo foi estruturado entre todos os países lusófonos.



Comentário

Encerram-se aqui as principais evoluções, de acordo com Lélis (2001), que causam confusão na grafia do português atual. Entretanto, alguns resultados ortográficos causam certa intriga na mente dos falantes e, obviamente, de qualquer observador da nossa grafia.

Estuda-se que algumas formas originais são capazes de produzir produtos absolutamente discrepantes, como é o caso de *plaga* do latim que resulta em *chaga*, *praga*, *praia* e *plaga*.

- No primeiro resultado (*chaga*), temos a evolução natural da palavra em que o grupo *pl-* sofre palatização, como se viu anteriormente, levando ao *ch-*.
- Na segunda transformação, vê-se uma alteração marginal e portanto menos frequente, em que o grupo *pl-* passa a *pr-*.
- O terceiro resultado é uma transformação do segundo em que atua a síncope do *-g-* intervocálico.

Constata-se assim que uma única forma pode originar resultados diferentes. A esse fato se dá o nome de formas divergentes. Suas causas são várias.

Em geral, trata-se de diferenças cronológicas, que têm como mola mestra a época da entrada da palavra na língua, portanto palavras retomadas na época do Renascimento apresentam também a sua forma erudita, ao lado da evolução natural da palavra em que atuaram as leis fonéticas de desgaste ou ainda de diferenças sociais, em que as formas terão maior ou menor prestígio em função do grupo social que as sanciona e, finalmente, de diferenças regionais, em que o contato com outros grupos de outras origens e a história da colonização farão as palavras atenderem a uma ou outra solicitação cultural (no Sul de Portugal, por exemplo, *defensa* passa a ser *defesa*, enquanto no Norte, passa a *devesa*).

São exemplos de formas divergentes ocorrências como:

- **regula** > *regula*, *régua*, *relha*.
- **plicare** > *chegar*, *pregar*.
- **clavicula** > *chavelha*, *cravelha*, *clavícula*.
- **masticare** > *mastigar*, *mascar*.

- **planu** > chão, plano, porão.

Por outro lado, e não menos importante, assinalam-se palavras que têm origens absolutamente distintas e que, por sua evolução fonética, acabam apresentando as mesmas grafias em um determinado estágio da língua, mas ainda com significados diversos.

A esse fato dá-se o nome de formas convergentes.

São exemplos de formas convergentes:

- **Donu** > dõo > dõ > dom = virtude.
- **Domine** > domyne > dom = senhor.
- **Sanu** > são = sadio.
- **Sunt** > são = verbo ser no plural (“eles são”).
- **Santo** > san > são = santo.



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

O Início da Prosa Jurídica em Galego-Português

O primeiro texto em prosa não literária, amplamente reconhecido pela comunidade acadêmica, é o testamento de D. Afonso II.

1214 Junho 27 Testamento de D. Afonso II.

Existem dois exemplares deste testamento, a cópia que foi enviada ao arcebispo de Braga e aquela que foi enviada ao arcebispo de Santiago. Vejamos alguns detalhes a seguir.

Linha 1

En' o nome de Deus. Eu rei don Afonso pela gracia de Deus rei de Portugal, seendo sano e saluo, temête o dia de mia morte, a saude de mia alma e a proe de mia molier raiva dona Orraca e de me(us) filios e de me(us) uassalos e de todo meu reino fiz mia mãda pír) q(ue) de-

Linha 2

Pos mia morte mia molier e me(us) filios e meu reino e me(us) uassalos e todas aq(ue)las cousas q(ue) De(us) mi deu en poder sten en paz e en folgãcia. P(ri)meiram(en)te mado q(ue) meu filio infante don Sancho q(ue) ei da raiva dona Orraca agia meu reino enteg(ra)m(en)te e en paz. E ssi este for

Linha 3

Morto sen semmel, o maior filio q(ue) ouuer da raiva dona Orraca agia o reino integram(en)te e en paz. E ssi filio barõ ñ ouuermos, a maior filia q(ue) ouuuermos agia'o.

Esse texto original (inteiro) se encontra no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Portugal. Trata-se de um texto jurídico, portanto tem uma estrutura mais rígida, dentro dessa característica jurídica que também existe atualmente.

Encontramos alguns exemplos importantes. Vejamos!

Características da relação grafema/fonema

Exemplos:

- gracia, folgãcia: a africada sibilante surda [ts] ainda era grafada "ci";
- molier, filios: a palatal [A] era representada ainda por "li";
- agia: a africada palatal sonora ou já fricativa [dʒ] era representada por "gi";
- mãda, folgãcia, barõ, nõ: o til marca a nasalidade das vogais;
- saluo, ouuermos, uassalo: o "u" (tradição latina) ainda registra a fricativa labiodental sonora [v];
- ausência do h em ouuermos.

Características morfológicas e sintáticas

Exemplos:

- "aver" em estrutura de posse: "filho que ei", "agia meu reino", "maior filho que ouuer", "se filio Baron non ouuermos";
- "ser" com aspecto verbal de transitoriedade: "seendo sano e saluo";
- "sten", subjuntivo na forma etimológica do verbo estar, com valor de "sejam" ("aquelas cousas sten en paz e folgãcia").

Características lexicais

Exemplos:

- "a prol de" = em prol de;
- "manda" = mandado, testamento;
- "semmel" = por metonímia: descendência;
- "entegramente" = inteiramente; etc

Cantiga de amigo I

Depois de ter visto o primeiro documento não literário escrito em galego-português, considerado o mais importante dessa fase porque a inaugura sob o aspecto da língua comum, não plástica, pode-se cotejá-lo com outros, tanto os literários quanto os não literários, dos anos subsequentes ao testamento de D. Afonso II até às vésperas da nova fase que se inicia com a publicação de Os Lusíadas.



Cantiga de amigo I Pera veer meu amigo, Que talhou preito comigo, Alá vou, madre; Pera veer meu amdo, Que miggg'á preito talhado, Alá vou, madre; Que talhou preito comigo... É por esto que vos digo: Alá vou, madre; Que mig'á preito talhado... É por esto que vos falo: Alá vou, madre.

De El-rei D. Dinis. Séc. XII, apud Dr. J. Leite de Vasconcelos. Textos Arcaicos.

Veja a seguir uma análise das principais marcas linguísticas do galego-português arcaico nos níveis fonético, morfológico, sintático e lexical.

Fonético-fonológico

Reconhece-se a síncope de -d- intervocálico, resultando no encontro vocálico em hiato em veer; a sonorização de -g- intervocálico em mig'á (mecu → migo).

Morfológico

A forma antiga da preposição para que ocorre como pera; a forma arcaica do advérbio que ocorre como aló.

Sintático

A combinação talhou preito, que significa "prometeu"; mig'á, que significa "migo há", ou melhor, "tem comigo".

Lexical

Madre ocorre na forma erudita.

Cantiga de amigo II

Como exemplos de textos em língua arcaica de natureza literária, apontam-se:



Cantiga de amigo II O anel do meu amigo Perdi-o sso-lo verde pinho, E chor'eu, bela. O anel do meu amado Perdi-o sso-lo verde ramo, E chor'eu, bela. Perdi-o sso-lo verde pinho, Por en chor'eu, dona virgo, E chor'eu, bela. Perdi-o sso-lo verde ramo, Por en chor'eu, dona d'algo, E chor'eu, bela.

De Pero Gonçalves de portocarreyro. Séc. XII, apud J. Leite de Vasconcelos. Textos Arcaicos.

Veja, a seguir, os comentários sobre a cantiga de amigo II.

Fonético-fonológico

Observa-se a pronúncia de *per* alternando-se com *por*; observa-se o desgaste fonético que leva ao apagamento da consoante final dentro do grupo (preposição + clítico) em *sso-lo* para referir-se a *sob o*; observam-se outras questões ainda que não serão apontadas por se tratar de texto literário, que tem, dentre outras coisas, obrigação com o padrão estético da época.

Morfossintático

Observa-se a ocorrência de preposição *por* ao lado do advérbio anafórico em (<*inde*), estrutura precursora da conjunção coordenativa adversativa *porém*.

Lexical

Observam-se as ocorrências de *virgo* para *virgem* e de *dona d'algo* para *fidalg*.

A dona pee de cabra

Veja, a seguir, um relato sobre *a dona pee de cabra*.



Dom Diego Lopes era muy boo monteyro e, estão huu dia em sa armada e atemdmdo quando verria o porco, ouuyo cantar muyta alta voz huua molher em çima de huua pena e el foy pera lá e vio-a seer muy fermosa e muy bem vistida e namorou-sse logo della muy fortemente e preguntou-lhe qu~e era e ella lhe disse que era huua molher que mujto alto linhagem, e ell lhe disse que pois era molher de alto linhagem, que casaria com ella, se ella quisesse, ca ell era senhor daquella terra toda, e ella lhe disse que o faria, se lhe promettesse que numca se santificasse, e elle lho outorgou e e ella foi-sse logo com elle. E esta dona era muy fermosa e muy bem feita em todo seu corpo, saluando que auia huu pee forçado, como pee de cabra. E viuerom gram tempo e ouuerom dous filhos e huu ouue nome Enheguez Guerra e a outra foi molher e ouue nome dona [...]] E, quando comiam de suu Dom Diego Lopez e sa molher, assentaua ell apar de ssy o filho e ella assentaua apar de ssy a filha, da outra parte. E huu dia foy elle a seu monte e matou huu porco muy gramde e trouxe-o pera sa casa e pose-o ante ssy hu sya comendo com ssa molher e com seus filhos, e lamçarom huu osso da mesa e veerom a pellejar huu alãao e huua pondenga sobre'elle em tall maneyra que a pondenga travou ao alão em a gargãta e matou-o. E Dom Diego Lopez, quando esto vyo, teue-o por millagre e synou-sse e disse: -- Santa Maria, vall! Quem vio nunca tall cousa;

apud J.J.Nunes. Crestomatia Arcaica.

Vejamos a seguir os comentários sobre o relato *a dona pee de cabra*.

Cantiga do amigo I

Observam-se sobremaneira as letras dobradas, típicas do período de fonético, conforme estudado na aula anterior, por sua falta de sistematicidade e, conseqüentemente, pela franca variação de um copista para outro no que tange aos princípios ortográficos (ssy, ell, daquela etc). Observa-se também o emprego do u consonantal advindo do latim, em lugar de v (como em ouueron, saluando, trauuou etc, a enorme variação da grafia das nasais (como em numca, quando, comemdo, gargãta, estão etc).

Termos fonético-fonológicos

Observam-se:

- *pera* ainda sem alteração para *pela*.
- *fermosa* ainda sem a harmonização vocálica ou assimilação para *formosa*.
- *muyta*, *maneyra*, em situação de ditongo, conforme atesta a grafia com *y*.
- *molher* com harmonização vocálica, seguindo a evolução natural da palavra.
- *seer*, *veerom*, *pee*, *boo*, *alãao*, *huu* sofreram síncope da consoante intervocálica, mas ainda não operaram a crase.
- *pose-o* em sua forma arcaica de pretérito perfeito.
- *vyo* apresenta a grafia de *o* para representar uma pronúncia bastante alta e fechada da vogal, que mais tarde passou a *u*.
- *sobre'elle*, que, pela forma como foi grafado, indica uma pronúncia em que a preposição se apoia no pronome pessoal, como um clítico.

Termos morfológicos

Destacam-se:

- Uso do possessivo feminino átono, como em *sa molher*.
- Emprego dos clíticos sem grande preferência por uma única posição, em que *vio-a*, *preguntou-lhe*, *foi-sse*, *teue-o*, dentre outros, aparecem ao lado de *ella lhe disse*, *ell lhe disse*, *lhe promettesse*, *se santificasse*, *lho outorgou* etc.
- Variação dos gêneros, como em *alto linhagem*.
- *gram* e *muy*, em sua forma reduzida.
- Uso da conjunção antiga *ca*.

Alguns giros sintáticos merecem destaque, como abaixo se vê:

- “...ouuyo cantar muyta alta voz huua molher...”: a circunstância expressa pelo adjunto adverbial não aparece aí introduzida pela preposição *em*.
- “...e ouuerom dous filhos e huu ouue nome de...”: verbo *haver* no sentido de *ter*.
- “E Dom Diego Lopez, quando esto vyo, teue-o por millagre e synou-sse e disse...”: excesso de emprego de conjunção coordenativa aditiva.
- “...a podenga trauou ao alão em a gragãta e matou-o”: ocorre o verbo *travar* seguido de preposição *a*, ocorre a ausência da contração de *em + a*, e ainda a ênclise, embora o verbo esteja precedido de conjunção.

Termos sintáticos

Alguns giros sintáticos merecem destaque, como abaixo se vê:

- “...ouuyo cantar muyta alta voz huua molher...”: a circunstância expressa pelo adjunto adverbial não aparece aí introduzida pela preposição *em*.
- “...e ouuerom dous filhos e huu ouue nome de...”: verbo *haver* no sentido de *ter*.
- “E Dom Diego Lopez, quando esto vyo, teue-o por millagre e synou-sse e disse...”: excesso de emprego de conjunção coordenativa aditiva.
- “...a podenga trauou ao alão em a gragãta e matou-o”: ocorre o verbo *travar* seguido de preposição *a*, ocorre a ausência da contração de *em + a*, e ainda a ênclise, embora o verbo esteja precedido de conjunção.

Termos lexicais

Alguns itens merecem atenção especial, como *monteyro*, para indicar aquele que monta, ou, em outras palavras, o cavaleiro; *armada*, no sentido de montaria; *atemdendo*, no sentido de esperar; *forcado*, metáfora para um “defeito” anatômico; *dona*, que significa senhora; *outorgou*, no sentido de consentir, aprovar; *alão*, grande cão de fila; *podenga*, a cadela para a caça de coelhos.

Trecho de “O rato da cidade e o da aldeia”

Confira a seguir o trecho de *o rato da cidade e o da aldeia*.



(...) E o rrato da çidade veemdo-o, chamou-ho, que outra vez viesse a comer com elle, e nom ouvesse medo; e o outro rrato lhe respondeo: -- Amigo meo, ora fosse eu jajuum do convite que me fezeste! A mym praz mais de comer triiguo, favas e hervamços em paz que galinhas e capões com temor e periiguo de morte. A paz, a quall ssempre tenho comiguo, me faz a mym os meus comeressseerem delicados. E poren teus comeressseerem guarda-os pera ty, ca eu me contento do que hey.

—
apud Rodrigues Lapa. O livro de Esopo.

Veja, a seguir, os comentários sobre o trecho *o rato da cidade e o da aldeia*.

Termos ortográficos

Em termos ortográficos, observam-se: a abundância de letras dobradas, sobretudo em contexto de início de vocábulo (*rrato*, *sseerem*, *elle*, *qual()*), a oscilação da grafia do clítico (*veemdo-o*, *chamou-ho*), a grafia da nasal ainda não uniformizada (em *contento*, a grafia varia no mesmo contexto fonético -ambas as consoantes ocorrem antes de [t] - e é usada pelo mesmo copista).

Termos fonético-fonológicos

Em termos fonético-fonológicos, observam-se: a pronúncia [ts] para *cidade*, conforme atesta a grafia em *cidade*; a pronúncia bem fechada de [o] no ditongo *respondeo* e *meo*; o encontro vocálico que indica a síncope da consoante intervocálica ([n]) em *jajuum* (>*jejunu*), sem perda, entretanto, da nasalidade, e ainda a metafonía de [e] para [a].

Termos morfológicos

Em termos morfológicos, acrescentam-se o largo uso da conjunção coordenativa *e*, o emprego de *per* em lugar de *para*, o uso da conjunção coordenativa *ca* e *poren* (variação de *por en*), o uso da forma *fezeste* para o pretérito perfeito;

Termos sintáticos

Em termos sintáticos, observam-se o uso de haver por ter (...nom ouvesse medo..., ...eu me contento do que hey), e de ser por estar (... fosse eu jajuum ...), as construções em : (1) (...) ora fosse eu jajuum do convite que me fezeste!, em que jajuum (jejum) tem função adjetiva, significando sem comer; (2) A mym praz mais de comer triiguo em que se emprega o verbo prazer (com sentido de agradar); (3) e, as palavras dictas, partirim-se, em que se observa o uso do particípio passado (dictas) com seu aspecto verbal de ação acabada, e não com função de adjetivo.

Termos lexicais

Em termos lexicais, observa-se em (...) os meus comeres sseerem delicados o uso da forma verbal como substantivo (comeres) e o uso do adjetivo delicado no sentido de agradável.



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Considerações finais

O que você aprendeu neste conteúdo?

Neste conteúdo, investigamos a trajetória histórica da língua portuguesa como um processo dinâmico e contínuo de transformações. Iniciamos com o reconhecimento das fases evolutivas do idioma, desde suas raízes no latim até sua configuração atual, destacando o papel central do galego-português na formação da identidade linguística portuguesa. Compreender essa fase inicial é essencial para perceber como aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais passaram por mudanças significativas ao longo do tempo.

Analizamos como esses traços refletiram tanto a dinâmica interna das línguas vivas quanto os efeitos de contextos externos, como transformações políticas, sociais e culturais da Península Ibérica na Idade Média. Ao abordarmos a história externa da língua, destacamos fatores como a formação dos reinos ibéricos, o isolamento geográfico e os contatos com outros povos, que influenciaram diretamente a diferenciação do português em relação a outras línguas românicas.

Examinamos, ainda, os principais fenômenos linguísticos ocorridos durante o período do galego-português, como alterações no sistema sonoro, no modo de flexionar e compor palavras, nas construções sintáticas e na incorporação de novos vocábulos. Tais transformações demonstram como a língua se adaptou a diferentes realidades e demandas comunicativas.

Ao final desta jornada, fica evidente que compreender o português arcaico é reconhecer as bases estruturais e expressivas da nossa língua. Essa reflexão não apenas nos aproxima de seu passado, mas também nos permite valorizar a riqueza e a diversidade que marcam o português até os dias de hoje.

Explore+

O aprendizado é um processo contínuo e dinâmico. Vá além deste conteúdo. Pesquise artigos acadêmicos para entender os debates atuais, assista a palestras para ouvir perspectivas diversas, leia livros especializados que aprofundem o tema e explore aplicações que conectem teoria e prática.

Cada novo recurso que você explora é uma oportunidade de enriquecer sua compreensão e abrir caminhos para novas descobertas. Que tal dar o próximo passo hoje?

Referências

CASTILHO, Ataliba A. T. de. **Gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTRO, I. **Curso de história da língua portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

COUTINHO, I. de L. **Pontos de gramática histórica**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1976.

LÉLLIS, R. M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Depto de Letras da UERJ, 2001

TARALLO, F. **Tempos linguísticos**. São Paulo: Ática, 1990.